

**II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte
13 a 15 de setembro de 2010, Belém (PA).**

GT 2 - Democracia, violência e conflitos sociais

**A produção social do jovem assaltante e as dinâmicas identitárias do
“bichão”.**

Leonardo Damasceno de Sá
Universidade Federal do Ceará

Este artigo tem como objetivo analisar etnograficamente as dinâmicas identitárias do “bichão” a partir das categorizações simbólicas de jovens pertencentes a segmentos sociais armados das periferias da Região Metropolitana de Fortaleza, a fim de discutir a produção social do jovem assaltante das camadas populares e morador de “favelas” cujos estigmas e imputações de violência e criminalidade são metonimicamente associados à sua atuação violenta nos meios urbanos, o que gera, por sua vez, estigmas quanto ao seu lugar de moradia, atingindo de modo geral toda a população da comunidade local circunvizinha.¹

A documentação em que se baseia o artigo está alicerçada em um trabalho de campo intensivo de três anos numa das favelas à beira-mar da cidade de Fortaleza, localizada no bairro popular do Serviluz, na zona leste do litoral metropolitano, em uma pequena e estreita faixa de área de praia, espremida entre o complexo portuário e dois importantes circuitos de turismo: a Praia do Futuro e a Beira-Mar, onde se localizam hotéis, barracas de praias e restaurantes para visitantes de alto poder aquisitivo.

A questão central é descrever e problematizar a dinâmica identitária do “bichão” ou do bichão da favela como um processo de objetivação das relações de poder que produzem uma modalidade de prática de assalto, por conseguinte, de um praticante que gera um jovem assaltante armado de revólver ou pistola, agindo sozinho ou em duplas, ou em pequenos grupos, realizando o ato de saquear pertences e valores mediante ameaça de morte contra as possíveis vítimas.

O artigo está dividido em três partes: uma notícia sintética sobre o contexto mais amplo do trabalho de campo, uma descrição de um processo que envolve extermínios de figuras identificadas como “bichão” com uma série de acontecimentos que decorrem ao longo de um ano de trabalho de campo e a conclusão com a elaboração de uma hipótese de pesquisa sobre a prática do assalto que aponta para novas descobertas do ponto de vista dos agenciamentos que fazem emergir a figura temida do assaltante.

¹ Jovens armados, assaltantes e traficantes de drogas e de armas, das camadas médias e médias altas, serão considerados etnograficamente em outro artigo. Esta nota é apenas para acionar o lembrete de que, nem como pressuposto, nem muito menos empiricamente, o trabalho de campo nos permite reduzir a prática do assalto e de outras modalidades de ação criminal ao universo de jovens pobres das favelas. O universo de praticantes de ilegalismos extrapola socialmente o recorte proposto neste artigo.

O lugar do campo

O lugar da experiência de campo que dá base à análise proposta é uma comunidade local onde vive uma população de 35 mil habitantes, distribuídos em aproximadamente cinco mil famílias em um trecho estreito de faixa de praia correspondente a três quilômetros de barracos dispostos à beira-mar na orla marítima da metrópole.

Até a década de 1930, essa faixa de praia era tradicionalmente lugar de trabalho para a organização de pesca artesanal da comunidade local vizinha da enseada do Mucuripe. Com a construção do Porto de Fortaleza, entre 1940 e 1960, a aldeia de pescadores artesanais que se instalou como um segmento da tradicional aldeia do Mucuripe recebeu levas de população migratória do interior para a cidade em busca de oportunidades de trabalho na área portuária. Ademais, no início da década de 1960, por ação do poder público municipal, houve a transferência compulsória de cerca de 1.300 trabalhadoras do sexo de “zonas de baixo meretrício”, espalhadas por outros lugares da cidade que foram então concentradas também no Serviluz, tornando o lugar, por décadas, a principal área de concentração de cabarés, boates e estabelecimentos comerciais, funcionando diuturnamente em torno da exploração sexual de crianças e adolescentes e variadas formas de prostituição. A partir de 1980, fluxos migratórios provocam a explosão demográfica da cidade de Fortaleza, conseqüentemente, ocorrendo uma crise de moradia no Serviluz devido ao adensamento populacional. A partir de 1990, os jovens da comunidade do Serviluz passam a ser representados midiaticamente de modo sistemático e ininterrupto como possíveis membros de uma das mais temidas gangues juvenis da cidade. As guerras dos jovens do Serviluz passam a causar pânico e medo sociais em relação ao lugar de moradia das famílias de trabalhadores do mar (pescadores, surfistas, portuários, estivadores etc.) que lá habitam, afetando de modo duradouro os processos de subjetivação dos coletivos antropológicos desta comunidade local. Os governos de modo sucessivo investem na “ocupação policial militar” da comunidade, gerando uma espécie de estado de sítio onde tortura,

espancamento e extermínio de figuras classificadas como indesejáveis passam a ser eliminadas.

Derrubaram um bichão

Ele passou correndo como um louco, a pistola no cós da bermuda. Saiu de um beco da favela e subiu pelas pedras do paredão. Vinha fugindo de uma terrível perseguição que já durava três dias. Os parentes do jovem que ele havia matado a tiros, durante uma cobrança de dívida de drogas, estavam armados até os dentes, querendo fuzilá-lo. Os policiais militares estavam acompanhando de longe, omissos, sem se envolver diretamente, com exceção do policial que era irmão do jovem assassinado que estava injuriado e tinha jurado se vingar de Marco Antônio. Havia rumores de que um matador da PM tinha sido convocado para derrubá-lo. Naquele dia, ele não baixou os olhos quando me fitou, como fizera quando nos conhecemos. Ele me olhou no olho e me cumprimentou acenando com a cabeça, ele estava eufórico, adrenalina a mil, muito pó na cabeça para agüentar três noites viradas sem dormir.

Quando Marco Antônio era adolescente, ele já fazia parte de uma das gangues de jovens da favela. Realizava assaltos e também ele traficava drogas para sobreviver. Um dia, seu padrasto espancou mais uma vez sua mãe. Marco Antônio ficou possesso, não agüentou e tirou a vida do companheiro da mãe. Os policiais militares não gostavam dele, pois já havia trocado tiros com a polícia e por causa de Eumir, comparsa dele, que era um temido matador de policiais. Quando foi preso, Marco Antônio apanhou muito, apanhou por si e pelo parceiro. Duas semanas antes de sair da cadeia, dos três anos de detenção que pegou pelo assassinato do padrasto, ele ficou sabendo que eu queria conversar com ele. Quando ele saiu, me procurou no barraco onde eu estava e trocamos as primeiras conversas, mas durou muito. Logo ele cometeu novo assassinato e não pudemos mais conversar, a proximidade com ele tornou-se perigosa demais.

Uma comissão de amigos foi até ele tentar demovê-lo da guerra em que se metera. A comissão voltou pessimista. Concluíram que não havia mais o que fazer. Antes disso, eu havia proposto que ele saísse do crime e que se

juntasse às atividades culturais da rede de projetos sociais do bairro. Ele gostou da idéia, mas no meio do caminho tinha a polícia. Um dia, Marco Antônio estava lanchando numa bodega da favela, quando passaram dois policiais que o reconheceram de outros tempos, dos tempos dos assaltos e das trocas de tiros com a polícia. Os policiais resolveram então dar as boas vindas para Marco Antônio. Deram-lhe umas surras para comemorar que o “vagabundo” estava de novo em liberdade e nas áreas. No mesmo dia, Marco Antônio parece que esqueceu por completo a opção que tínhamos conversado, ele procurou um traficante local, velho conhecido, e ofereceu seus serviços. O traficante o contratou como cobrador de dívidas. Armado com uma pistola de uso exclusivo das forças armadas, Marco Antônio foi cumprir sua primeira missão de cobrança. Deu tudo errado, o jovem a ser cobrado não gostou da abordagem, discutiram no beco da favela e Marco Antônio o alvejou com vários tiros, matando-o a queima roupas.

Enquanto Marco Antônio me cumprimentava, ele no meio da rua, eu no primeiro andar do barraco da Matilde, onde estava conversando com uma turma de jovens, fiquei receoso que houvesse mais um tiroteio e me deitei no chão do barraco. Os jovens que estavam comigo, discretamente, fizeram o mesmo, principalmente quando percebemos a aproximação da viatura do Ronda do Quarteirão, a mesma equipe que havia torturado com açoites de fios de eletricidade o Raimundo para que ele confessasse um assalto fazia algumas semanas. Pensei comigo mesmo que a situação ia ficar complicada, um tiroteio se aproximava. Marco Antônio não arredou o pé da pequena calçada de onde me cumprimentara. Estava em franca atitude de desrespeito e de confronto com os policiais militares. Para a surpresa geral, os policiais militares do Ronda não fizeram a abordagem. Marco Antônio mostrou a pistola na cintura para os policiais e eles passaram em frente, foram chamar reforços. Os novatos do Ronda ficaram visivelmente com medo do confronto. Agiram com prudência também, pois um tiroteio na estreita rua ia colocar em risco muitos moradores. Eram três horas da tarde de domingo.

O grupo de extermínio montado para apagar Marco Antônio estava a espreita, procurando em todos os becos pelo seu paradeiro. Mas Marco

Antônio que nasceu e se criou na favela como bicho solto sabia se movimentar muito bem, ele conhecia o labirinto de becos como a palma da sua mão. Uma mobilização maior de policiais com outras equipes, como Raio e Cotam, fizeram o cerco ao Marco Antônio e deram apoio para a equipe do Ronda prendê-lo sem tiroteio. O medo e a prudência juntos garantiram uma prisão sem mortes, todavia o advogado do traficante conseguiu soltar Marco Antônio no dia seguinte, com muita rapidez. A pistola tinha sido apreendida, mas Marco Antônio pegou outra, também de uso exclusivo das forças armadas e voltou para a posição de caça ou caçador. Aquela movimentação estava deixando todo mundo cansado. Para os moradores, ficar observando e participando da movimentação do iminente extermínio era muito estressante. Cena várias vezes repetida. Os moradores estavam cansados disso. Um tiroteio pode ocorrer a qualquer hora e uma bala perdida acaba ferindo ou matando quem não tem nada a ver com a história, como sempre acontece, há anos. Muitos jovens estavam manifestando a ansiedade de que houvesse logo um desfecho. Um primo de Marco Antônio me revelou que a família já tinha perdido as esperanças e que queriam que tudo terminasse logo, ou seja, já davam como certa a morte de Marco Antônio antes mesmo de sua morte efetiva. Ele era um morto vivo. Era o que todo mundo dizia. Ele sabia disso e agia com total liberdade. Nunca vi um sujeito tão livre como ele pouco antes de morrer. Parecia sorrir da própria morte. Não pertencia mais a este mundo. Com poucos dias, o primo dele me telefona para avisar: “Derrubaram o Marco Antônio, com onze tiros”. Ele tinha 20 anos de idade. O velório foi pungente.

Outros velórios estavam sendo socialmente preparados, anunciados. Enquanto isso, a família de José, 17 anos, já estava sob luto cerrado, após seu fuzilamento com dois tiros. José foi morto na casa de um primo que pertencia à gangue do Beco. Os assassinos foram jovens membros da gangue rival do Ponto que, aproveitando-se de uma falha na segurança da gangue rival, invadiram a área do grupo inimigo.

As famílias de José e de Marco Antônio moravam vizinhas. Enlutaram-se juntas com dezenas de outras famílias vizinhas que perderam jovens numa guerra implacável e de ações fulminantes. Os inimigos da gangue

do Ponto haviam planejado a noite inteira a tática da invasão, eles conheciam a área da gangue do Beco tão bem como sua própria. Os jovens armados do Beco não conseguiram perceber a aproximação da cavalaria do inimigo, deslocando-se em bicicletas e fortemente armados. Nem os jovens que vigiam das esquinas as entradas dos becos, nem os jovens sobre os telhados das casas, foram capazes de perceber e dar o alerta de perigo, anunciando o início da invasão.

Pode-se dizer que o fator surpresa e a audácia guerreira dos invasores se sobrepuseram ao esquema cotidiano de defesa. As armas novas recém adquiridas com os fornecedores policiais dos traficantes das bocas de tráfico também. Isso contava como um ponto importante para a imagem de supremacia dos inimigos. Armas novas e potentes.

Invadir o território do inimigo em desvantagem numérica e bélica tornou-se um dos atos mais significativos de valorização da imagem pessoal e da fama de jovens de gangues, fama de bichão.

Quando a gangue do Ponto invadiu a área do Beco para matar o primo de José, uma jovem mulher da gangue do Beco, ainda sob efeito de uma noitada de crack, tentou obstruir a passagem dos invasores, usando o próprio corpo como escudo, como forma de alertar seus companheiros para o ataque. Sua magreza cadavérica de “noiada” foi alvejada com um tiro de advertência, mas não morreu. Ela foi encaminhada para o hospital geral no táxi de um colega de uma das famílias do Beco que estava em visita aos amigos na estreita viela onde ocorreu o tiroteio. O taxista foi ameaçado de morte também por ter se metido onde não devia. Meses depois, uma amiga dela, também noiada, foi estuprada por mais de dez jovens e teve a cabeça degolada.

Já disse anteriormente que o alvo da invasão não era José. Era seu primo, mas a proximidade entre os dois o tornou também um alvo desejável para compor a lista dos condenados a morrer. Não era a proximidade de parentesco o fator determinante. O parentesco por si só não era um critério válido para José ter sido percebido como alvo militar, em meio ao universo das *tretas* das gangues do Ponto e do Beco, o que o tornou um alvo foi ter sido

socialmente implicado, avaliado, percebido, como estando pessoalmente próximo ao primo. A relação interpessoal, cotidiana e íntima foi o critério decisivo. Não seria impossível para José ter evitado essa situação, bastaria, segundo os padrões das lutas entre as facções, ter cortado relações com o primo, ou seja, negado a relação interpessoal cotidiana com um membro próximo de sua rede de parentesco. Negar o parente para não morrer com ele, por ele ou no lugar dele. Mas não foi o que José escolheu. A proximidade cotidiana ao primo fez com que as conseqüências das atitudes guerreiras deste último absorvessem magicamente José, ou seja, foi o convívio com o primo, foi pela proximidade física, pessoal e social recorrente entre os dois, estabelecida junto ao primo envolvido que fez de José um ser classificado simbolicamente pelos inimigos como fazendo parte do universo geral dos inimigos, como um envolvido rival, ocorreu uma espécie de contaminação simbólica da identificação de um para o outro aos olhos do universo dos envolvidos das gangues e também da comunidade que acompanha os detalhes da novela guerreira.

Andar, conversar, conviver, se aproximar e freqüentar a casa de um bichão é um modo de se tornar envolvido também. É devir envolvido com o bichão. Seja parente, amigo ou colega, José pagou caro pela ousadia de querer andar com seres condenados. E não foi por falta de avisos de amigos, colegas e parentes. A comunidade o avisou diversas vezes sobre o risco que corria. Ele ignorou.

Os velórios de José, Francisco e Marco Antônio foram tensos, devido às ameaças de invasão por parte dos inimigos. Quando um membro de uma gangue rival é abatido, além da comemoração, que se estende em festas, em queimas de fogos de artifício e em recados pichados nas paredes da favela, há ainda a ameaça de invasão do velório. Os matadores, ainda inflamados pela façanha da recente matança, se sentem motivados a matar de novo a figura do morto.

Os familiares precisam se proteger. Precisam proteger o local do velório. Enquanto as mulheres rezam, choram, pranteiam e praguejam contra os inimigos, os homens se armam, com a ajuda dos membros da gangue do

morto, para proteger as cercanias e também para garantir que o cortejo fúnebre possa sair da favela. O clima fica muito tenso. A polícia está de prontidão e também muito tensa. Uma nova tragédia pode ocorrer. A invasão de um velório para atirar no corpo do morto, derrubar o caixão no chão ou aproveitar para matar outro inimigo presente ao evento é uma possibilidade concreta. A família sabia disso, a comunidade também, a polícia igualmente.

Além dos assaltos a mão armada, dos roubos seguidos de morte e acertos de contas do tráfico de drogas, os confrontos armados, tiroteios noturnos nas ruas e becos da favela, protagonizados pelos grupos de jovens encapuzados, atirando contra os postes de iluminação pública, preparando o ambiente de penumbra para facilitar posições de ataque e defesa, criaram um clima de terror na comunidade. O medo estava generalizado. As pessoas do bairro estavam receosas de sair de uma situação de guerra fria para outra de guerra aberta. E foi o que aconteceu.

Quando a guerra aberta estourou novamente, o terror foi implantado no cotidiano. Esquinas de ruas, entradas de becos e postes quebrados de iluminação sendo utilizados como pontos táticos de posição avançada de tiro. A possibilidade de levar um tiro esvaziou as ruas. Os moradores estavam trancados em suas próprias casas, vivendo no bairro como se estivessem numa prisão. Caminhavam com medo e redobrada atenção.

Fazia meses que as gangues rivais do Ponto, do Beco, da Capela, da Moita e da Trilha estavam implantando o terror com tiroteios noturnos pelas ruas da favela. Numa quinta-feira à noite, a gangue do Beco, trocando insultos com a gangue da Capela, através do Orkut, recebeu uma “dica” sobre a localização da lan house onde os inimigos estavam conectados à Internet. Membros da gangue dirigiram-se para lá e dois deles assassinaram a tiros Bodinho e feriram acidentalmente dois moradores, fazendo uso de armas de fogo. Algumas horas depois, mesmo com a presença da polícia na comunidade, a gangue de Bodinho revidou, invadindo a área da rival, matando Fan, da gangue do Beco. Fogos de artifícios anunciaram noite adentro a comemoração pela morte do inimigo.

Os moradores estavam com medo de sair de casa e transitar pela comunidade e a população de Fortaleza horrorizada pelos acontecimentos fartamente noticiados pelas mídias. Em meio aos acontecimentos, o fato inusitado da guerra iniciada pelo Orkut foi noticiado causando vivo e amplo interesse público. As guerras da favela como as guerras contemporâneas, desde a invasão televisionada do Iraque, também eram midiáticas. Guerras na convergência das mídias. Guerras digitais.

Os jovens começaram a serem espancados cotidianamente, calados, em silêncio de repúdio, e os jovens olhavam com ódio para os olhos dos policiais, numa clara tentativa de afronta. A situação foi ficando cada vez mais complexa. Os mais insanos dos bichões sonhavam em matar um policial do Gate, ia ser uma glória guerreira, mesmo sabendo que seriam trucidados na seqüência, como já ocorreram nas poucas vezes, no máximo uma dezena, em que os jovens criminosos conseguiram matar policial inimigo.

Tornar-se bichão, tornar-se cadáver

Bichão é uma categorização simbólica sobre as fronteiras do humano e do não-humano nas dinâmicas identitárias da violência entre jovens "envolvidos" em "guerras" intestinas em uma das "favelas" de Fortaleza. Para se tornar bichão, os jovens da "favela" são segundo sua perspectiva e por condição "criados como bicho solto". Crescem na chamada "bagaceira". Ao aprender a viver a partir das regras do denominado desse "mundão", que envolve drogas, prostituição e criminalidade, os jovens alertam em suas narrativas de constituição do "self" que o bichão é sempre o primeiro a morrer, mas também é aquele que goza de alguma consideração durante certo período da vida, o que parece ser um bem pessoal precioso para jovens destituídos e enredados de modo quase permanente em processos de produção social de indiferença. É como se uma experiência temporal intensiva por meio do devir bichão, qual um processo de aquisição de respeito pela força, respaldasse imaginariamente algumas garantias mínimas de formação do eu. O bichão é a forma simbólica extremada da vida louca, e, portanto, do bicho louco que encarna a atitude guerreira na sua versão autodestrutiva e na versão heróica,

que convergem. Existe uma disputa moral que sempre envolve o risco de uma moralização do problema, afinal, identidades que se estabelecem nas dinâmicas socioculturais da violência urbana representam duradouras fontes de estigmatização para os atores sociais sob foco. São as imputações de violência que se incorporam às práticas corporais e mentais dos atores como se deles fizessem parte de modo natural, ontológico. A principal motivação das guerras, segundo os envolvidos, é a falta de "consideração", o modo desrespeitoso com que se realiza a relação social com a alteridade inimiga, provocando ondas de homicídios rituais e de vinganças "por nada". Quando os jovens envolvidos atuam para fora da comunidade local, como assaltantes na cidade, suas narrativas revelam uma série de ofensas morais sofridas pelos jovens e suas famílias que, na avaliação deles, tem uma carga agressiva superior à ofensa por eles provocada contra as vítimas de seus assaltos. É como se o inimigo deixasse de ser um deles, e então a figura do "playboy" encarnasse o inimigo externo, figura que simultaneamente acalanta e provoca a busca por sentido das ações simbólicas dos jovens guerreiros da favela e expõem a fragilidade de seu núcleo de poder, pois comer o playboy, adotar a moralidade do playboy, passa a ser um ato de busca por aceitação social mais ampla, ato quase sempre frustrado, pois o "playboy da favela" não consegue se livrar do atributo da favela no seu modo de ser playboy. Há um complexo jogo de alteridade na produção social do inimigo interno e do inimigo externo que gira em torno das fronteiras da moralidade pública das rodas de conversação dos circuitos de jovens, assentadas nas bases simbólicas do tema do respeito e da consideração, os modos de pensar, as formas de organização e as modalidades de interação dos jovens envolvidos se confrontam com aqueles do universo mais amplo dos jovens da "favela". Entre indiferença e distinção, as categorizações cotidianas sobre quem estão do lado errado, e quem estão do lado certo, imprimem um caráter de discussão pública nas micro-redes dos jovens que parecem inaugurar uma instância que sociologicamente chamamos de formação de opinião pública ou de esfera pública, mesmo que em caráter popular, subalterno e não-hegemônico, onde os debates ocorrem no cotidiano da favela para avaliar a moralidade dos jovens que estão de um lado ou de outro da fronteira que separa a vida cidadão da vida no crime. Os jovens da

favela pensam sobre si mesmos nessas rodas das esquinas, na sua sociedade de esquina.

Tudo se passa como se a dimensão moral da produção social do jovem assaltante que emerge do jovem guerreiro na passagem de sujeito ofendido para sujeito ofensor no contexto de interação com os inimigos externos, percebidos sob a figura de alteridade que é a do playboy, associado às camadas médias e médias altas do espaço urbano, estivesse no papel de articulação das posturas corporais e identitárias ligadas ao estatuto do bichão.

Neste processo social, a economia simbólica do “bichão”, ou seja, do jovem temido na e pela população local, e admirado por crianças e adolescentes, produz seus próprios ganhos simbólicos para a política de reputação e de má-reputação de jovens que é decisiva para as alianças e as guerras entre facções armadas e contra segmentos policiais inimigos no “mundão”. O assaltante parece funcionar como a faceta objetivada e fria da adrenalina que corre na constituição do corpo de um bichão.

Referências Bibliográficas

AUSTIN, John. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAILEY, F.G. Gifts and poison. In: BAILEY, F.G. (org.). *Gifts and Poison: The Politics of Reputation*. Oxford: Basil Blackwell, 1971.

BARREIRA, César. *Cotidiano despedaçado: cenas de uma violência difusa*. Fortaleza: Ed. UFC: Funcap: CNPq-Pronex: Campinas: Pontes Ed., 2008.

BOURDIEU, Pierre. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. *Mana* 2(2): 7-20 1996.

_____. O sentimento da honra na sociedade cabília. In: PERISTIANY, J.G. *Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o estado*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

CRAPANZANO, Vincent. Horizontes imaginativos e o aquém e além. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v.48, n.1, 2005.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 14, n. 40, p.31-42, 1999.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs*, volume 1, 6.ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. *Mil platôs*, volume 3, 4.ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2008.

_____. *Mil platôs*, volume 5, 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 2002.

DERRIDA, Jacques. *Força de lei*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ELIAS, N. e SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FAUSTO, Carlos. *Inimigos fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo: Edusp, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica. *Etnográfica*, vol.10, no. 1, p.161-173, 2006.

_____. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v.46, n.2, 2003.

_____. *Alguma antropologia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999 a.

GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. Discipline and Practice: "The Field" as Site, Method, and Location in Anthropology. In: GUPTA, A. e FERGUSON, J. (orgs.). *Anthropological Locations*. Berkeley: University of California Press, 1997.

LUTZ, C. e WHITE, G. The anthropology of emotions. *Annual Review of Anthropology*, 15: 405-36, 1986.

MAGNANI, Guilherme. Quando o campo é a Cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, Guilherme e TORRES, Lilian (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*, 3.ed. São Paulo: Edusp: FAPESP, 2008.

_____. Introdução: circuitos de jovens. In: MAGNANI, Guilherme e SOUZA, Bruna (orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MARQUES, Ana Claudia. *Intrigas e questões: vingança de família e tramas sociais no sertão de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 2002.

MARQUES, A.C. e VILLELA, J.M. O que se diz, o que se escreve: etnografia e trabalho de campo no sertão do Pernambuco. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v.48, n.1, 2005.

MENDONÇA FILHO, Manoel e NOBRE Maria Teresa (orgs.). *Política e afetividade: narrativas e trajetórias de pesquisa*. Salvador: São Cristóvão: EDUFBA: EDUFS, 2009.

MISSE, Michel (org.). *Acusados e acusadores: estudos sobre ofensas, acusações e incriminações*. Rio de Janeiro: Revan: FAPERJ, 2008.

NOGUEIRA, André Aguiar. *Fogo, vento, terra e mar: migrações, natureza e cultura popular no bairro Serviluz em Fortaleza (1960-2006)*. São Paulo: PUC de São Paulo: Mestrado em História Social: Dissertação de Mestrado, 2006.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. e EUGENIO, F. (orgs.). *Culturas jovens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

SÁ, Leonardo. Reflexões sobre o trabalho de campo como empreendimento micropolítico. In: MENDONÇA FILHO, M. e NOBRE M. T. (orgs.). *Política e afetividade*. Salvador: São Cristóvão: EDUFBA: EDUFS, 2009.

SÁ, Leonardo e et al. *Ligado na galera: juventude, violência e cidadania na cidade de Fortaleza*. Brasília: UNESCO, 1999.

SANTOS, José Tavares dos. *Violências e conflitualidades*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2006.

WHYTE, William. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.